

ARGUMENTO PARA A JORNADA DE ESCOLA DE SÃO PAULO



XIIIº ENCONTRO INTERNACIONAL DA IF-EPFCL , 23-26 DE JULHO DE 2026 EM SÃO PAULO

IXº ENCONTRO DE ESCOLA – EPFCL, 23 DE JULHO DE 2026

Passe a analista: aporias do testemunho

“O que pode surgir na mente de alguém para se autorizar a ser analista?”

O desejo do analista é um desejo inédito que, como precisa Lacan, só surge no final da análise. O que torna, portanto, a novidade desse desejo é que ele não se sustenta no fantasma, já que o final da análise implica sua travessia. Resta então saber em que se baseia esse desejo. E essa é precisamente a pergunta que Lacan fazia aos passantes dispostos a participarem da experiência, cujo procedimento ele inventou em 1967.

Apesar do interesse dessa experiência, é preciso reconhecer que os depoimentos dos passantes se deparam com diversas aporias. Uma delas resulta do fato de que, no ato analítico, o analista não opera como sujeito. Em vez disso, ele assume “esse risco louco de se tornar o que é esse objeto aⁱⁱⁱ”. Mas isso requer que ele tenha identificado a causa de seu horror de saber. “A partir daí, ele sabe ser um resíduo”, diz Lacan em 1973, na *Nota italiana*, e acrescenta: “Se ele não é levado ao entusiasmo, é bem possível que tenha havido análise, mas analista, nenhuma chance ⁱⁱⁱ”.

Lacan considera, portanto, que o entusiasmo é uma premissa necessária do desejo do analista e o associa ao fato de saber ser um resíduo, ou seja, aquele resíduo rejeitado que é o objeto a^{iv}. Se esse objeto é rejeitado, é devido ao horror que provoca, pelo fato de destituir o sujeito. Ao contrário do sujeito — que é o efeito do significante —, esse objeto se refere ao que o sujeito tem de mais real, ao que está fora do simbólico e, portanto, fora do sentido. Poderíamos então dizer que a passagem do horror do saber ao entusiasmo ocorre quando o analisante acaba percebendo que somente esse objeto rejeitado (no inconsciente) sabe o que ele é como “ser de gozo”. O reconhecimento desse saber no real, que é acompanhado pela queda transferencial do sujeito suposto saber, é o que permite ao analisante se autorizar em sua “diferença absoluta” e se satisfazer em saber fazer com ela.

O entusiasmo expressa, no entanto, algo mais do que “a satisfação que marca o fim da análise^v”, da qual Lacan fala em 1976. Em sua origem, a palavra entusiasmo, derivada do grego “entheos”, designava um êxtase devido a uma revelação divina que transcendia o sujeito. Baseando-nos nesse significado etimológico, poderíamos dizer que o entusiasmo, que está na

origem do desejo do analista, é o resultado de uma revelação devida, não à palavra do divino, mas ao dizer do divã. Esse entusiasmo gera, em alguns, o desejo inédito de transmitir essa revelação que transcende o sujeito. Esse desejo de transmissão diz respeito, por um lado, à elaboração teórica do saber extraído da experiência analítica e que permite fazer Escola. Mas esse desejo diz respeito, em primeiro lugar, a colocação em prática das condições necessárias para que a revelação possa ocorrer individualmente, no divã, caso a caso.

O que o cartel do passe deve então questionar é o que no passante dá testemunho desse desejo, o que implica que ele levou em conta o saber sem sujeito, que reside no real. O problema é que o real não foi feito para ser conhecido e transmitido. Daí a aporia que evoquei. A transmissão é, de fato, o ato de um sujeito que pensa. Mas, assim que se pensa, já não se está no inconsciente real.

A única coisa que se pode testemunhar é sobre a “verdade mentirosa”. Esse oxímoro, introduzido tardiamente por Lacan, reflete o desenvolvimento de seu ensino. Assim, no início, ele fala do inconsciente como da verdade do sujeito. Ele até especifica que o inconsciente diz a verdade sobre a verdade^{vi}. Por outro lado, seus últimos desenvolvimentos revelam que a verdade não alcança o real ao qual aspira. Outro resultado desse “work in progress” lacaniano é a constatação de que são os afetos (entusiasmo, satisfação) que testemunham sobre o levar em consideração o saber no real.

Ao propor o passe, Lacan não estava apostando em um «work in progress» coletivo?

Essa experiência, - que recolhe os testemunhos singulares do passo a analista, não deveria, de fato, contribuir para que o saber depositado na doxa não se tornasse a litania de um saber *comUm*?

A Jornada da Escola de 23 de julho de 2026, em São Paulo, nos oferecerá a oportunidade de questionar a pertinência da aposta do passe, levando em conta suas aporias.

Rosa Guitart-Pont
Em nome do CIG 2025-2026
Tradução: Ida Freitas
Revisão: Sara Fernandez

ⁱ Lacan J. (1978) Intervenção conclusiva em Deauville, sobre: A experiência do passe, em “*Lettres de l'École*”, 1978. Nº 23

ⁱⁱ Lacan J. (1977) A propósito da experiência do passe e da sua transmissão. *Ornicar?* Nº12/13, p. 120

ⁱⁱⁱ Lacan J. (1973) *Nota italiana*, Outros escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.313

^{iv} Lacan J. (1974) *Os não-tolos erram*, Seminário XXI, inédito, lição de 9 de abril

^v Lacan J. (1976) *Prefácio a edição inglesa do Seminário 11*, Outros escritos, op. cit. p. 568

^{vi} Lacan J. (1966) *A ciência e a verdade*, Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p.882